

‘Não ando A BRINCAR aos barquinhos’

A nova Igreja de S. Francisco Xavier, de Troufa Real, expressa através de uma caravela, trouxe a arquitectura para as páginas dos jornais. Nuno Teotónio Pereira descreve-a como ‘uma aberração’ e a Assembleia Municipal de Lisboa exige uma alteração do projecto, aprovado em 2005. Dois meses depois do início das obras no Alto do Restelo, o arquitecto reage pela primeira vez à polémica, em entrevista ao *SOL*

Entrevista de PEDRO PROSTES DA FONSECA Fotografias de JOÃO FRANCISCO VILHENA

Como tem acompanhado a polémica criada pelo seu projecto para a igreja de S. Francisco Xavier?

Este projecto já tinha sido publicado em 2001 no *Diário de Notícias*. Esteve exposto na Ordem dos Arquitectos no tempo da [presidente] Olga Quintanilha. Não só fiz uma exposição com maquetas e painéis, como um debate à noite, em que foram convidados todos os arquitectos que quisessem, todos os alunos e o público em geral, e onde também estiveram padres. Tive a honra de ter nessa noite o Henrique Albino, uma grande figura da arquitectura que já morreu há alguns anos, o mestre Luís Cunha, que tinha acabado de inaugurar a igreja da Portela de Sacavém – e que também sofreu com ela –, o Erich Corsepilus, autor da igreja de Arroios, e o Diogo Lino Pimentel, neto do Raul Lino. Pediram esclara-

recimentos, apresentei-os e depois dramaticamente só ouvi elogios.

Como vê que tanta gente se sinte agora incomodada?

Não sei. Esta não é a primeira igreja que faço. Quando acabei o curso, estava a estagiar com o Raul Rodrigues Lima – o célebre arquitecto que fez o Cinearte e o Monumental – no Centro Cultural da Igreja de Fátima. Esta experiência dos templos obrigou-me a estudar muito a arquitectura sagrada, não só nos seus códigos tratadistas – alguns segredos que fazem parte da profissão –, como nos códigos que são cânones das próprias instituições.

O que as pessoas mais condenam no seu projecto parece ser a expressão do fantástico, que acham deslocada para a função de templo...

Mas eu sou um arquitecto do fantástico! Um arquitecto antimoderno, surrealista. Passei parte da minha juventude no Café Gelo, no Rossio, →







A torre da igreja, um dos elementos da polémica, será reduzida e perderá a esfera armilar

A casa do pároco, inspirada em Raul Lino, está separada da caravela por uma lâmina, à maneira do surrealismo



onde conheci o Mário Cesariny, o Cruzeiro Seixas, o Herberto Helder, o Acácio Baradas, a Maria Virgínia Aguiar, toda essa gente. Era um sítio onde as pessoas aprendiam a fazer uma brincadeira a que se chamava os cadáveres esquisitos [elaboração de um texto ou desenho num processo colectivo, em que cada autor dava seguimento à criatividade do anterior, conhecendo apenas uma parte do que aquele fizera]. A minha arquitectura é um cadáver esquisito, como eu acho que a cidade é um cadáver esquisito, porque cada prédio não tem nada que ver com prédio ao lado. E é por isso que podem muitas vezes interpretar como dislexia mental e falta de cultura aquilo que é a construção dos meus projectos. Apesar de católico, eu sou maçom, do Grande Oriente Lusitano. E no tempo da maçonaria operativa, os maçons eram os construtores dos templos. Estou a fazer um templo de Shiva, para uma comunidade hindu, em Loures. O primeiro grande templo de Shiva construído na Europa. Ofereci o projecto.

Tal como ofereceu o da Igreja de S.

Francisco Xavier...

Sim, ofereci-o desde a primeira hora. E quem deu o terreno à Igreja foi o presidente Nuno Krus Abecassis, que era um grande admirador meu.

Quem lhe encomendou o projecto?

A mim? Ninguém. Fui eu quem o ofereceu à Igreja. Sendo eu um apaixonado pelo império português, um antigo habitante da Casa de Estudantes do Império, disponibilizei-me para fazer a igreja. E quando o padre António Colimão [pároco da Paróquia de S. Francisco Xavier], que é um homem praticamente da minha idade, e do império - nasceu em Diu -, soube que eu estava interessado em fazer a igreja, ficou contente. Este foi um trabalho que comecei em 1993. Entretanto, Jorge Sampaio, um velho amigo meu das

SOU UM ARQUITECTO DO FANTÁSTICO.
Um arquitecto antimoderno, surrealista

lutas académicas, ganhou a presidência da autarquia...

E João Soares tornou-se vereador da Cultura...

Outro grande amigo meu. Mantemos até hoje uma relação fraterna. Mas que fique claro que ele, na altura ou quando mais tarde veio a ser presidente da Câmara, nunca me deu trabalho. Foi nesses anos que nasceu tudo isto. Há dias encontrei, por acaso, o António Costa [presidente da Câmara de Lisboa], e disse-lhe: 'Quero dizer-te que não deves nada, e que não tens nada que pagar o que vem aí noticiado nos jornais. Porque eu ofereci tudo à Igreja'. E não

foi para fugir aos impostos. Porque cabe-me a mim o direito de escolher as minhas vítimas. Eu ofereço aquilo que quero e a quem bem entendo.

Mas o projecto tem um preço, nem que seja o da sua construção...

Essa é outra história. Eu não estou a oferecer a obra.

Que simbolismos quis expressar no projecto?

A primeira coisa é que é uma obra de autor. Só faço obras de autor. Propus à Igreja a história e percurso de S. Francisco Xavier, ainda era cardeal patriarca D. António Ribeiro, uma figura para mim fascinante. Tinha bom ar, fumava muito, era um homem livre. E, falando com o padre Colimão, lendo a história do santo que tanto venero, que não sendo português se meteu nas caravelas portuguesas



em missão, celebrando missas no meio de doenças, de homens marginais, de aristocratas malditos, e vindo a morrer no Oriente, achei que o templo deveria ser uma caravela, porque foi o espaço sagrado deste homem. E depois fiz uma lâmina, como os surrealistas no cadáver esquisito, que corta e faz surgir outra história do outro lado.

Que história?

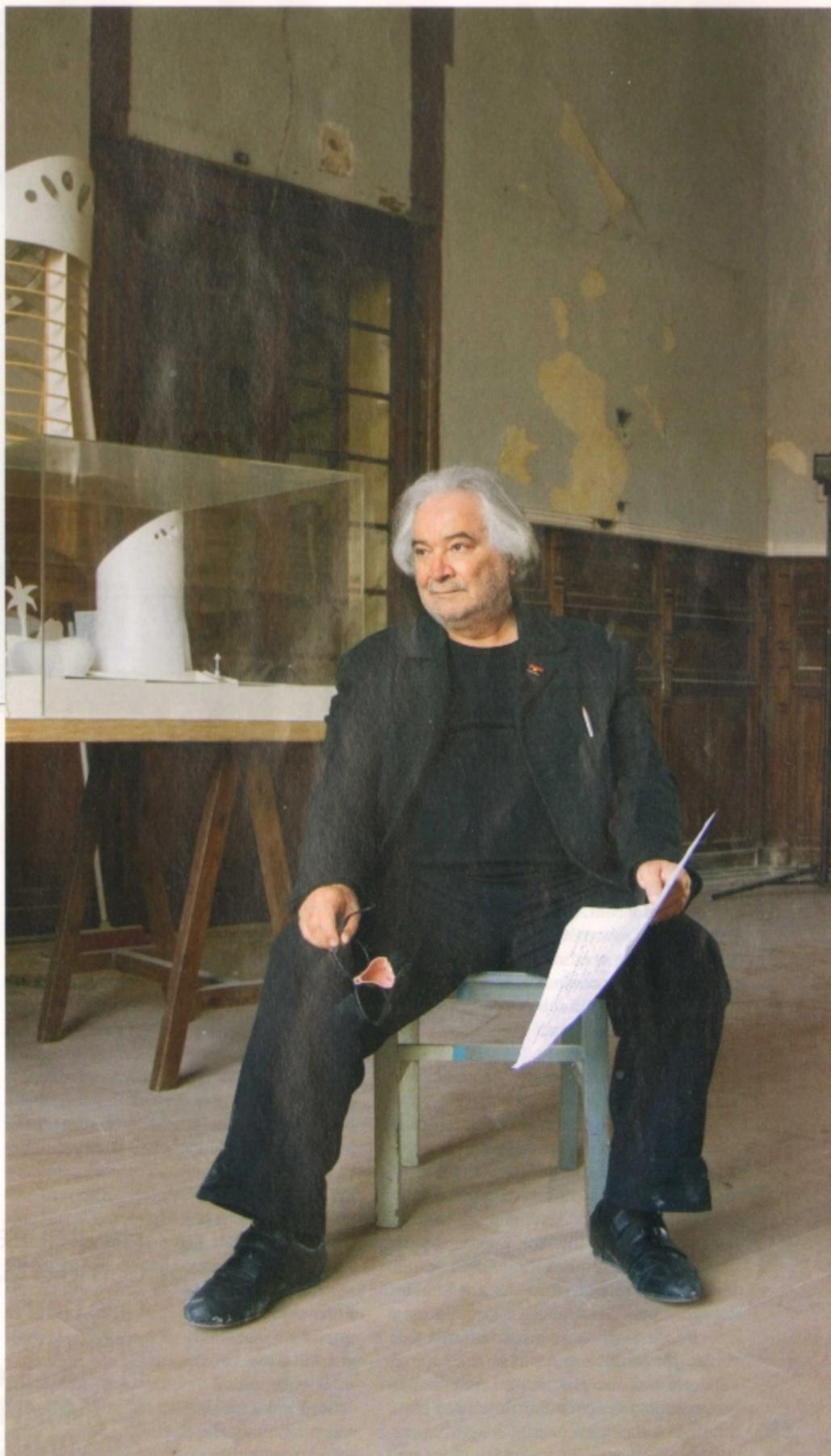
Do lado de lá da muralha vermelha tem três grandes edifícios: a casa do pároco – uma casa portuguesa que poderia ter sido desenhada pelo Raul Lino, de quem fui sempre um grande admirador –, onde está a sacristia e as actividades administrativas. No meio tem uma casa onde será dada catequese, numa arquitectura que eu diria indo-portuguesa. E depois o salão paroquial, um edifício com um triângulo simbólico do Templo de Salomão, com dois ângulos de 72 graus e um de 36, cuja soma de cada número dá sempre um 9 [número mais sagrado da cabala], e a roda [de fiar] de Ghandi, representada na bandeira da Índia, onde S. Francisco Xavier viveu. Estas três casas poderiam ter sido desenhadas por três diferentes arquitectos. E depois faço a ruptura para a caravela através da lâmina. É como um ecrã que esconde. Isto é um cadáver esquisito na lógica do surrealismo. →

A recuperar o passado NO GRÉMIO LISBONENSE

Troufa Real concedeu esta rara entrevista nas antigas instalações do Grémio Lisbonense, na Rua dos Sapateiros, espaço que está a reabilitar para seu futuro ateliê e galeria de arte.

O arquitecto, de 69 anos, está em Lisboa a recuperar de um AVC sofrido em Angola, de onde é natural e onde vive a maior parte do ano. Entre os destroços do histórico edifício, uma sala mais limpa apresenta uma mesa ampla, onde o arquitecto tem vindo a desenhar alterações ao polémico projecto da Igreja de São Francisco Xavier – aprovado em 2005, durante a presidência de Santana Lopes, pela vereadora do Urbanismo, Eduarda Napoleão. A maquete do templo está ao fundo da sala, entre outras duas de edifícios religiosos: uma igreja para Miraflores (na foto, atrás do arquitecto) e um templo de Shiva para Loures.

Uma *chaise longue* virada para o Rossio assegura-lhe o descanso.



O número 9 volta a estar presente na torre...

Sim, ela está dividida em nove partes. O oito é o número da sorte, onde começa a cruz, depois há um miradouro no número sete que faz parte da Bíblia – o sétimo dia da história do Antigo Testamento –, depois o pentagrama do Almada Negreiros no seis, que representa a esfera armilar do D. Manuel, no cinco tem o painel do Guilherme Parente... Mas esta já não é a torre, quer dizer, torres para aqui já desenhei uma série delas. Esta está aprovada, mas já não faz parte do processo. A nova torre vai ter dois elevadores, não apenas um, e será reduzida em altura. Vou estudar a cabela para respeitar a soma do número 9, porque, como diria Le Corbusier, a diferença entre a boa e a má arquitectura é uma questão de centímetros. Há muitas torres que os portugueses começaram a construir no tempo do grande barroco brasileiro que ainda não estão feitas. Temos a Batalha que está por acabar. Temos tudo por acabar. E as pessoas estão com medo de uma coisa que está a dar o primeiro passo. A arte e a arquitectura não se fazem à pressa.

Está a alterar a torre por imposição da autarquia?

Não se trata disso. Agora, tenho o direito de dizer às pessoas uma coisa muito simples: eu não sou bem uma espécie de actor à procura de um autor; eu não ando a fazer propaganda, eu não ando a vender sabonetes. As pessoas têm que estar atentas no momento certo, porque só se lembram dos outros quando morrem. Andam distraídas a ver telenovelas, ou a ver futebol, e depois acordam e parecem umas crianças adultas a querer satisfações.

Que outras mudanças irão acontecer no projecto?

A nave não vai ser dourada, mas sim metálica, e no seu interior tudo será branco, que não tem nada que ver com uma caravela. Quem estiver lá dentro é como se estivesse numa nuvem. O exterior não corresponde em nada ao interior. Eu não estou a brincar aos barquinhos. Eu não estou a fazer aeromodelismo. São duas histórias, dois conceitos. A cor da casa portuguesa é o açafraão, a da casa ao centro o branco, a do centro paroquial o verde. São as cores da bandeira indiana. E a lâmina é vermelha, que, combinada com a cor do centro paroquial, dá a bandeira portuguesa. É um casamento fantástico entre os símbolos que

Templo hindu de Shiva para Loures, o maior projecto do género na Europa, segundo Troufa Real



A minha
arquitectura **É**
UM CADÁVER
ESQUISITO,
como eu acho
que a cidade
é um cadáver
esquisito

estão por trás, que são os da língua, da cultura.

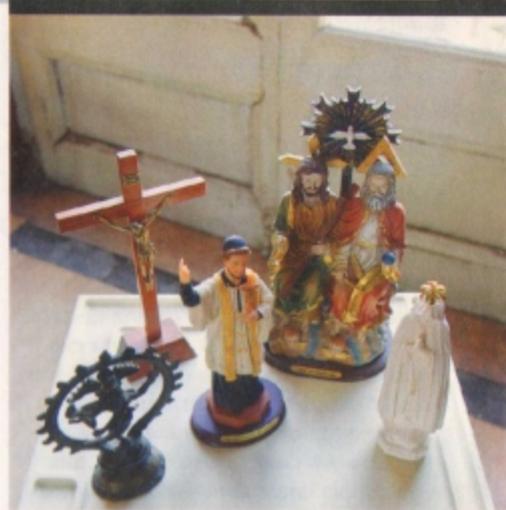
É o seu projecto com maior carga de simbolismo?

Estou a fazer agora um em Angola, directamente para o Presidente José Eduardo dos Santos, que é no novo Campus Universitário de Cabinda. É talvez a obra mais fantástica que já fiz, mas ainda não está

divulgada. É que a arquitectura é como o azeite e o vinho: faz-se no silêncio, depois aparece. Uma coisa é vê-la no papel, que é para as câmaras municipais aprovarem. Mas as pessoas não sabem o que é a diferença entre um projecto e a realidade. Há mesmo arquitectos como o Gaudí que nem projectos faziam. O projecto é um mito administrativo.

Acha então que quando a obra estiver feita ela vai ser mais entendida?

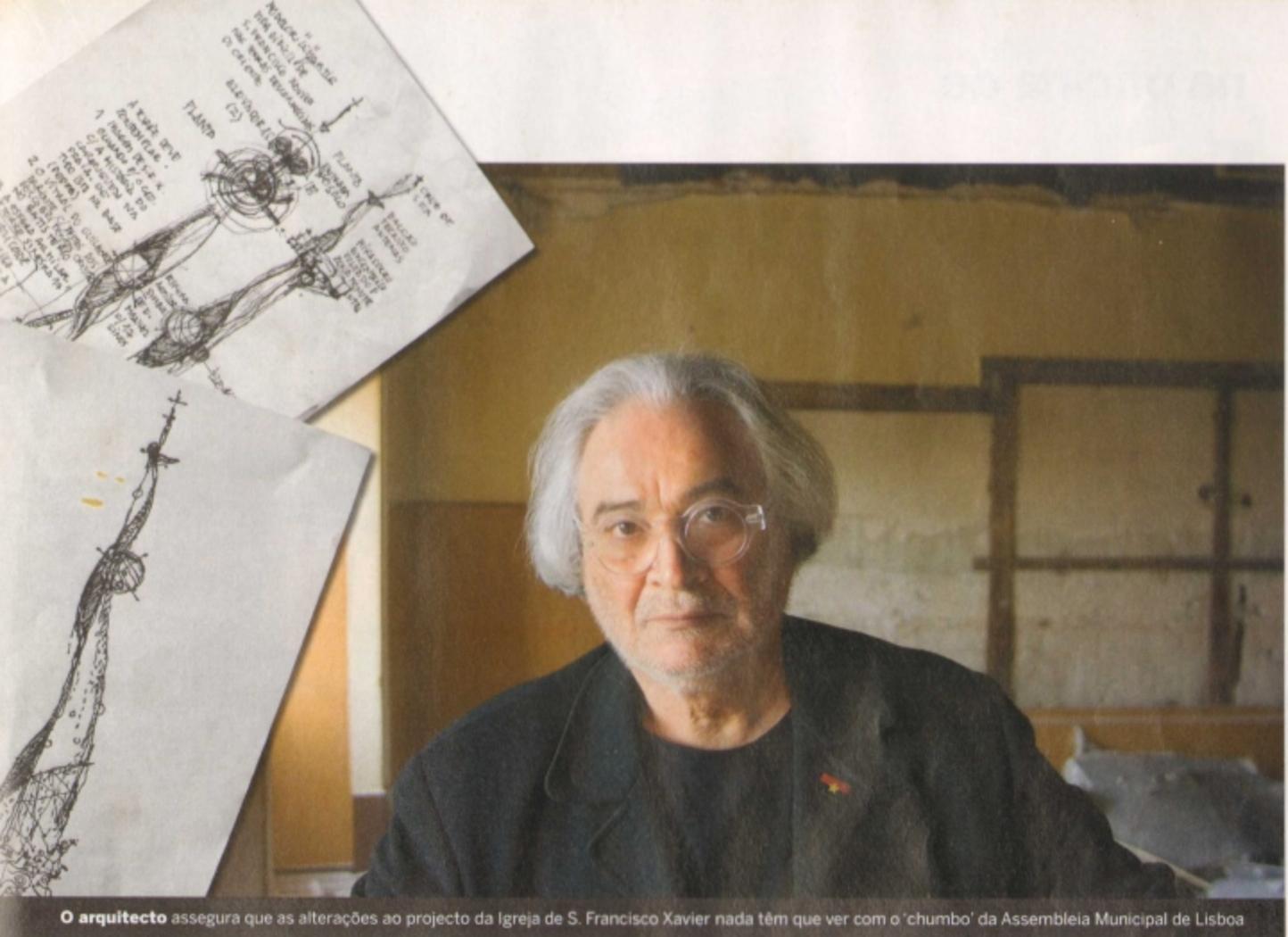
Com certeza. Isto ainda é um aborto. É como quando um ca-



sal está na cama a fazer amor e decide fazer um filho. Isso é o projecto. Depois vai-se des-

envolvendo e um dia nasce. Lembro-me de quando fiz o projecto para o Tivoli: as mesmas pessoas que criticam hoje a igreja fizeram tudo e deitaram abaixo esse projecto. Apesar do respeito que tive pelo Raul Lino, das vezes que eu falei com a mulher dele, deitaram-no abaixo.

Há arquitectos,
como o Gaudí,
que nem
projectos faziam.
O PROJECTO
É UM MITO
ADMINISTRATIVO



O arquitecto assegura que as alterações ao projecto da Igreja de S. Francisco Xavier nada têm que ver com o 'chumbo' da Assembleia Municipal de Lisboa

Quem pensa que está ser criticado no projecto da igreja? O projecto ou o seu autor?

Penso que são as duas coisas. É evidente que há pessoas que odeiam a arquitectura que eu faço. Mas toda a gente tem o direito à opinião, e eu respeito. E a opinião mais incómoda para mim foi a do Nuno Teotónio Pereira, que chamou à igreja uma autêntica aberração. Por um lado, aceito, porque não esperava que uma geração como a dele se identificasse com um produto cultural desta natureza, e por outro tenho-lhe um grande respeito. A crítica dele é uma espécie de medicamento para sonhar. Porque, além de ter sido um grande arquitecto, foi um homem que se bateu pela liberdade e defendeu um dos grandes homens do MPLA, que era o padre Joaquim Pinto de Andrade. Nós, na cultura africana – eu sou luso-angolano –, habituámo-nos a respeitar os mais velhos. E é isto que eu gostaria que ficasse registado.

Mas não ficou magoado pelo vigor das críticas?

Magoado não. Já quando foi do projecto da Sétima Colina, Teotónio Pereira teve a coragem de encabeçar uma lista contra as cores que eu estava a escolher com o Lagoa Henriques e o professor José-Augusto França. Sendo eu católico, apostólico, romano, pratican-

te, nunca fico incomodado, antes pelo contrário. Leio os livros do [José] Saramago, li o **Caím** e gostei imenso, já o ofereci a três padres, porque isto é o mundo da liberdade.

No meio da polémica, a Ordem dos Arquitectos convocou-o a prestar esclarecimentos e o arquitecto nunca respondeu. Porquê?

Recebi uma carta da Secção Regional Sul da Ordem, à qual respondi que isto já tinha sido tudo discutido na própria Ordem. E eles não sabiam. Disse-lhes que estou sempre disponível para prestar todos os esclarecimentos. Mas também quero que fique escrito que até agora não dei nenhuma entrevista, e não darei mais nenhuma sobre este assunto, porque não faço alarde da minha obra. Foi a educação que tive do Cassiano Branco. Estou à espera de morrer e que alguém se lembre que fui professor, que ensinei e que deixei coisas escritas e uma vasta obra – em Portugal, em Macau, em Angola. Não preciso de propaganda para ganhar a minha vida, porque ela é muito simples. A minha riqueza está nas pessoas que

Sou maçom, do Grande Oriente Lusitano.
NO TEMPO DA MAÇONARIA OPERATIVA,
os maçons eram os construtores dos templos

tenho como amigas.
Quando estará pronta a igreja?

Isso não sei, não é um problema meu, mas posso dizer-lhe que já tenho milhares de desenhos feitos. **A Câmara Municipal, ao mudar a localização do terreno de um lado para o outro da rua, no tempo em que João Soares era presidente, retirou à igreja perto de mil metros**

quadrados. Isso não vai prejudicar o projecto?

Não, não prejudica. Antes pelo contrário. Eu acho que é um belo casamento, porque a rua do Bairro da EPUL de Nuno Teotónio Pereira é a que dará agora acesso ao adro da igreja.

É uma bela ironia.

Não tenho ironia. Os surrealistas são pessoas sérias, não andam a brincar com a vida dos outros.

Como irá acompanhar, à distância de Luanda, uma obra tão complexa?

Do cemitério. Estou rodeado de arquitectos e ninguém é insubstituível. 

pedro.p.fonseca@sol.pt